

PORTFÓLIO

Cacildinha Produções

[PRODUTORA CULTURAL]



Antes de Mim no Fundo – por Marcio Tito

Publicado em 13 de outubro de 2025 13 de outubro de 2025



O raro exemplo de um espetáculo que teve seu processo criativo muitíssimo bem compartilhado entre cada uma das áreas • @deus.ateu

Por Marcio Tito – por Marcio Tito • @marciotitop

Com obstinada decisão formal e qualidade técnica equivalente, o espetáculo mantém como principal operação narrativa a voz da dramaturgia, encenando o que afirma uma rigorosa partitura de ações que investiga e abandona imagens, visita e agrupa atmosferas, define e redefine texturas. Também surgem planos de fundo e objetivos cifrados entre trechos objetivos e versos cujos interiores aparecem menos preenchidos pela força do enredo e sempre quase sufocantemente abastecidos por figuras de linguagem. Adiante, a produção aposta em certa sinestesia poética interessada na construção de uma paisagem cênica entre a sombra e a revelação, e apresenta perfeita coesão dos procedimentos criativos ao apontar cada uma das áreas ao centro de um mesmo alvo, capturando, sem maiores esforços, uma resoluta coerência dotada de bastante identidade e, ainda assim, capaz de arregimentar diversas outras referências emanadas por montagens que, outrora, apostaram em expedientes similares. Também exige destaque a qualidade do elenco, que tem como importante medidor o equilíbrio entre as atuações, com especial luminura emanada pelos recursos extraídos do trabalho de voz, cuja textura, de modo geral, parece reunir os mais diversos objetivos do material, realizando certa disposição geométrica da encenação e transmutando as densas fibras do texto em vocalizações cheias de presença e potência.

Contudo, embora a montagem tenha o texto, a voz e a dramaturgia como camadas pujantes, ditando quase ritmicamente as estruturas ao redor, como presença maior, aparece a importante e imagética trilha sonora, qualitativamente narrativa, coesa e enraizada junto ao mistério que escapa de cada um dos fraseados cênicos do espetáculo. Deixando como última elaboração um sentimento que pode ser nomeado como um imenso e desesperado vazio vertido em águas profundas, o espetáculo, da luz ao som, do cenário ao texto e passando pelo elenco, parece, de fato, realizar com boas soluções tudo o que, imagino, um dia foi projeto e, hoje, aparece como realização e plena e poderosa.



Memórias submersas



Laís Marques, Mariana Muniz e Daniela Schitini em "Antes de mim no fundo", com direção de Clara Carvalho
 11 - outubro - 2025 | Texto de: Bob Sousa | Fotografia: Bob Sousa

O espetáculo *Antes de Mim no Fundo*, idealizado por Laís Marques e Daniela Schitini, com direção de Clara Carvalho e dramaturgia de Schitini, apresenta uma sofisticada investigação visual e simbólica sobre o feminino, a ancestralidade e a memória. Em cena, o corpo de uma mulher em coma torna-se passagem entre tempos e existências, convocando presenças de suas antepassadas em um mergulho poético nas águas da lembrança e da cura.

A visualidade da obra é construída a partir de uma atmosfera líquida e onírica, onde luz, corpo e som se entrelaçam como camadas de um mesmo fluxo. A cenografia minimalista de Evas Carretero, composta por uma cama e algumas cadeiras de ferro, traduz de modo simbólico o espaço da memória e da espera. Esses elementos, aparentemente simples, transformam-se ao longo da encenação, servindo tanto como leito hospitalar quanto como território do inconsciente, como se a matéria cênica se moldasse ao movimento interior da protagonista.

A luz, desenhada por Wagner Pinto, atua como camada dramaturgica fundamental. Não apenas ilumina, mas escreve junto com o texto e o corpo. Ela desenha o fluxo entre o sonho e a realidade, revelando ou ocultando presenças, construindo atmosferas que se movem como a própria água que inspira a encenação. Em certos momentos, a penumbra envolve a cena e transforma o espaço em um útero de memórias; em outros, feixes recortam o corpo da atriz, sugerindo as fendas entre tempos e identidades. A luz não é ilustrativa, é narrativa: conduz o olhar e o ritmo interno do espetáculo, revelando o que a palavra apenas insinua.

As atuações de Laís Marques, Daniela Schitini e Mariana Muniz são o coração pulsante do espetáculo. As três artistas estabelecem um jogo cênico de grande precisão e entrega. Laís Marques revela uma presença madura e delicada, equilibrando contenção e emoção. Daniela Schitini, também autora da dramaturgia, controla sua personagem com densidade e escuta, criando passagens sutis entre o texto poético e o gesto cotidiano. Mariana Muniz assume o desafio de encarnar as múltiplas vozes ancestrais com domínio técnico e sensibilidade, transitando entre idades, tempos e emoções sem perder o fio da coerência interna. O trio em cena dá corpo ao entrelaçamento das memórias femininas, criando uma rede viva de presenças que se refletem e se alimentam mutuamente.

A dramaturgia de Daniela Schitini é o eixo estrutural e poético da montagem. Seu texto controla camadas de memória que se entrelaçam, revelando o que foi silenciado e o que persiste em ecoar. A escrita não se organiza de forma linear, mas por fluxos, como se as lembranças emergissem do inconsciente, ora nítidas, ora borradas. Essa estrutura fragmentada confere ao espetáculo uma qualidade de sonho e deslocamento, em que o passado e o presente coexistem. Daniela articula a linguagem poética e o discurso emocional, transformando o texto em partitura de sensações. O resultado é uma dramaturgia que pensa o feminino não como tema, mas como forma: fluida, cíclica e múltipla.

A direção de Clara Carvalho é precisa, serena e profunda. Clara conduz a encenação com um rigor que nunca se torna rígido, permitindo que a delicadeza se imponha como força. Sua mão firme organiza o fluxo de imagens e pausas, compondo uma narrativa visual em que cada gesto, cada silêncio e cada feixe de luz têm função expressiva. A diretora compreende a dimensão espiritual do texto e a traduz em linguagem cênica, orquestrando os elementos com equilíbrio e inteligência.

Os figurinos de Marichilene Artisevskis reforçam a dimensão simbólica do espetáculo e dialogam com a dramaturgia visual. As cores terrosas que vestem a mulher em coma remetem à matéria e ao corpo, sugerem a ligação com o solo e com o peso da existência. Já os tons de azul que marcam a irmã e a presença ancestral evocam o elemento água, a espiritualidade e o trânsito entre planos. Essa paleta cromática cria um contraste visual que amplia a leitura simbólica da cena, fazendo com que o olhar do público se mova entre o terreno e o etéreo, entre o que permanece e o que se dissolve. A trilha sonora de Ricardo Severo dialoga com essa proposta, criando uma paisagem sonora de ressonâncias aquáticas e ruídos internos, como se estivéssemos dentro da mente da protagonista.

O espetáculo não se limita a representar o feminino, mas o faz emergir como força ancestral e contínua. As figuras de mãe, avó e bisavó não são apenas personagens; são manifestações de uma herança coletiva, de uma sabedoria transmitida por gestos, silêncios e ausências. Essa construção visual e simbólica do feminino é o que dá à peça sua potência política e poética. A água, elemento recorrente, é metáfora do inconsciente e do útero, espaço de origem e de esquecimento.

A força do feminino está ancorada na busca poética de Laís Marques, cuja idealização do projeto artístico se sustenta na urgência de revisitar as vozes que moldaram as mulheres de ontem e de hoje. Laís propõe um gesto de escavação e reconstrução, em que a cena se torna espelho e ferida. Seu olhar busca a delicadeza e a resistência silenciosa das mulheres que sustentam a vida com suas memórias, suas dores e sua força ancestral. Essa dimensão poética e investigativa perpassa toda a criação, imprimindo à obra um caráter ritualístico e profundamente humano.

A visualidade também estabelece uma relação imagética com a obra da fotógrafa Francesca Woodman ao explorar a fragilidade do corpo e a presença espectral da memória. Assim como Woodman investiga a identidade feminina em espaços vazios ou em metamorfoses corpóreas, o espetáculo utiliza o corpo da protagonista e das ancestrais para traduzir emoções e lembranças em imagens poéticas, evocando a sensação de transitoriedade, introspecção e desdobramentos identitários presentes nas fotografias de Woodman. Em ambos os casos, o corpo é ao mesmo tempo suporte e narrativa, e o invisível se torna tangível através do olhar, da sombra e da memória visual.

Em *Antes de Mim no Fundo*, a psique humana é lapidada metaforicamente como uma pedra submersa, polida pelo tempo e pela memória. O espetáculo mergulha nas camadas do inconsciente, revelando as fissuras e brilhos que compõem o interior das personagens. Cada gesto e cada silêncio funcionam como fragmentos de um espelho quebrado que reflete o que permanece escondido sob a superfície. Nesse processo, a psique se mostra não como algo a ser explicado, mas como território simbólico de descoberta, feito de sombras, lampejos e águas profundas.

O espetáculo convida o público a mergulhar nesse fundo simbólico, onde a ancestralidade feminina pulsa como força vital. Entre o sonho e a memória, *Antes de Mim no Fundo* se afirma como um rito de escuta e reconciliação com as vozes que o tempo tentou calar, mas que seguem reverberando no corpo das mulheres de ontem e de hoje.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carletto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes. É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcajo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).

CONCEPÇÃO GERAL: LAÍS MARQUES

ENSAIO ABERTO

+ BATE PAPO COM ARTISTAS CONVIDADAS

A obra como (s)obra: princípios e processos da criação teatral



28, 29 E 30 DE NOVEMBRO | 20H



Em 28 e 29 de novembro haverá tradução simultânea em Libras



TEATRO IRENE RAVACHE

(Rua Capote Valente - 667 | Pinheiros-SP)

GRÁTIS - RESERVAS SYMPLA (LINK NA BIO)

Apelo

Produção

Realização



Senteacena – Pagu 360°

com Laís Marques

Pompeia

Duração: 60 minutos

14

teatro espetáculo

atividade presencial

R\$ 10,00
CREDENCIAL PLENA

R\$ 15,00
MEIA ENTRADA

R\$ 30,00
INTEIRA

Local: **Galpão**

Ingressos à venda online a partir do dia 4/7, às 17h, e nas bilheterias a partir do dia 5/7, às 17h

Datas e horários

18/07 • Terça • 18h00

Esgotado

18/07 • Terça • 20h00

Esgotado



Foto: Robson Catalunha

Compartilhe:



SENTEACENA – GIRA DE BIOTECNOLOGIAS DA CENA

Com idealização e curadoria de Robson Catalunha e Dodi Leal, SENTEACENA – GIRA DE BIOTECNOLOGIAS DA CENA ocupa o galpão do Sesc Pompeia com criações que rodopiam pelas encruzilhadas do teatro com o cinema, da performance com a dança, da instalação com a realidade virtual, a partir de múltiplas formas de ser/estar: obras-vidas situadas entre o território das realidades e virtualidades, que espreitam, interrogam e proporcionam formas de expectativa autônomas, borrando as fronteiras entre “o lugar de onde se vê” e onde se é visto. Girando corpo e pensamento ao redor das obras, o projeto conta ainda com ovulários: encontros-incubadoras de ideias que buscam se distanciar dos *semen-ários* para criar rizomas entre teorias e práticas, tecnologias do afeto, artes da cena, da dança, da imagem, do som, da realidade

Deus Ateu - crítica teatral | São Paulo (SP)
20 | julho

Link: <https://bit.ly/3DM8X9I>

**DEUS
ATEU**

Crítica Teatral | Artes | Teatro | PalcoAberto | Cultura & Sociedade | Cinema | Cores | Design | Dança
Streaming | Espaço para Artistas | Música | Galeria Digital | Poesia
O Extrato (Prêmio Deus Ateu de Teatro & Artes) - 1ª Edição

PAGU 360º [Especial SENTEACENA - GIRA DE BIOTECNOLOGIAS DA CENA] - Por Marcio Tito

Publicado em 20 de julho de 2023



Outro recorte dramático de Laís Marques e Robson Catalonha confirmando os acertos de Traved elevam o espetáculo ao status de clássico para o formato - Pagu 360º

Por Marcio Tito
@marciotito

A tradição não é o culto das cinzas, mas a preservação do fogo - Gustav Mahler

A poesia perde muito de sua combustão quando encerra-se na experiência do papel. Ler poesia não nos faz saber, sentir ou visitar o verso. O poema é uma estrutura escrita, que sugere o som e exige enunciação, portanto, como parece óbvio - A poesia é mais imersiva aos expedientes teatrais e aos lugares das artes cênicas do que ao tempo da literatura. Contudo, por exigência da vida material e das formas que a humanidade elaborou para dar conta do real, a poesia termina quase sempre estrada pela dimensão silenciosa de quem a contempla em livro. Sendo assim, impossibilitada de exercer sua máxima pulsação, a poesia muitas vezes se vê limitada pelo caráter solidário da leitura - gesto que, muitas vezes, apenas faz com que os olhos percorram o que há de estrutural no poema - ignorando quase que totalmente a dimensão sonora, cênica e melódica obra poética.

Ouvir poesia em um tanto ou no contexto de uma declamação não é hábito em fato constante para boa parte da vida brasileira. Poetas gravados em mídias áudio e toda sorte de produções audiovisuais mediamente resolvem a dimensão do poema enquanto formalização do projeto poético, contudo, muitas vezes, também suprimem a figura, retórica de quem declama e vive a dinâmica sensível do verso. É no contexto desta lida e densa solução que o material Pagu 360º radicalmente se inscreve e apresenta positivo avanço para o formato.

Pagu 360º, em realidade virtual, dispara sólidas conquistas neste entre-faixas aurora tomado enquanto invenção distanciamento do formato. Fundindo textos, imagens e declamação, e extraindo do material a própria dimensão imaterial do sentido subjetivo de um poema, Pagu 360º, em muita medida, parece ir além do extra-presencial.

Quando catalisa as imaginações que cercam a natural virtualidade de um poema aberto - como são os poemas virtuais e abertos os poemas que compõe a curadoria - o espetáculo compreende qual o seu lugar de maior bom-gosto e direito.

Entre o audiovisual e as artes cênicas, não sendo inteiramente um e nem inteiramente o outro, mas também parecendo correr para além do próprio conceito de videocine, Pagu, dentre todos os materiais da trilogia, por de fato avançar dentro de um sistema e não somente apresentar uma releitura acerca do que já está apresentado pelo teatro, parece verdadeiramente apresentar a melhor das aterissagens da gira de biocena dirigida por Robson Catalonha e curada pela dupla Dodi Leal e Catalonha.

Outro ponto a ser explicitado, e que já se via em simétrica potência no contexto de Traved, está na positiva equalização entre o teatro tradicional e os expedientes mediados pelo aparelho ocular responsável pelo ingresso da plateia na dimensão virtual. Trazendo o teatro vivo e palpável, e tornando a cena teatral tão sólida quanto o segundo movimento da montagem, Catalonha apresenta um valioso prévio às mais especiais estéticas da cena - e parece inscrever-se como diretor junto aquilo que se fará de melhor num futuro próximo. Ao "estrear" na linguagem, curiosamente, Catalonha também estabelece um ponto de chegada - pois não me parece que o futuro possa encontrar poesia mais sofisticadamente elegante do que uma cena capaz de fundir e colocar em diálogo estas duas manifestações e tecnologias cênicas tão largamente divididas por tantos e tantos milênios de tradição.

FICHA TÉCNICA

Concepção geral, direção, dramaturgia e atuação: Laís Marques | Assistência de criação: Victor Gaette | Direção de obra em realidade virtual: Robson Catalonha | Provocação cênica: Luth Galmartier | Trilha Sonora e operação: Pedro Semeghini | Desenho de luz: Aline Santini e Ricardo Barbosa | Figurino: Anne Cerutti | Captação de imagens: André Stefano | Edição: Rodrigo Rimoli | Designer gráfico: Veral Barbosa | Operação de luz: Ricardo Barbosa | Provocação dramática: Marina Corazza | Consultoria em Direção de Arte: Simone Mina e Rick Nagash | Visagismo (montanha e mar): Emerson Murad | Fotos: André Stefano e Robson Catalonha | Voz off: Barbara Serra, Delphine Gamarra, Dodi Leal, Giovanna Velasco, Haiane Onias, Jília Chaves, Larissa Lemos, Laura Carvalho, Malu Zancopé, Marília Adami, Vera Bonilha | Identização: Cacildinho Produções | Produção: Jack dos Santos e Letícia Alves | Direção de Produção: Cláudio Gonçalves e Corpo Rastreado



Pesquisar no Facebook



ruína acesa

Ontem às 14:04 · 🌐

#curtinhas | "Pagu 360º", de @__laismarques__

@pagu_360 é prólogo imersão epílogo. nessa "parábola high-tech" de Laís Marques, um convite no palco-passarela a acompanhar uma Pagu em pleno voo, um panorama visto do alto; um jogo de ver Pagu, ver Laís, ver Pagu-Laís, ser visto vendo... nos movimentos da atriz um certo delay, uma dança quase-glitch, uma distorção entre a fala e sua tradução-transformação em gesto. a imersão da experiência aqui se dá pela tecnologia, pela realidade virtual; uma imersão distante da interatividade e de enquadramentos da ficção - o dispositivo é o óculos RV, ali dentro somos lançados ao 360º das vidas-obras de Patrícia Galvão. lugares e distâncias, imensidões e prisões; o infinito do mar e do céu-horizonte, o claustro da cela, uma praça-ágora entre duas arquibancadas onde ocupamos o centro. dessa "obravida imensa" de Pagu, Laís carrega como bolsa o livro de sua vida-obra e é isso que será aberto, em um recorte possível que produz fricções entre os tempos dela e os nossos; o que este recordar traz de novo, o que nele segue sustentado, o que dali ainda é voo. a luz em prólogo e epílogo é também corte e recorte, estilhaços no caminho branco, Pagu-Laís entre paredes projeções de escritos e traços. "Pagu 360º" é invocação plural, ficção de inovação, desejo de artista de construir pontes entre quem se foi e o que se fez e o que se é e o que se faz.



SENTEACENA



PAGU 360°

ESPETÁCULO HÍBRIDO EM REALIDADE VIRTUAL

Dias 18, 19, 20, 21 e 22
de julho | 18h e 20h

Sesc Pompeia

Rua Clélia, 93 - São Paulo
tel. +55 11 3871.7700

f @ y /sescpompeia

sescsp.org.br



A ficção contra tempos polarizados

Teatro. Grupo Razões Inversas estreia 'Heather', texto que embaralha identidades e aposta no debate ético do artista por trás da obra

Leandro Nunes

O esforço do dramaturgo inglês Thomas Eccleshare em descrever as paisagens do livro ficcional de *Heather* lembra o estilo dos autores de *Game of Thrones*, *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*. Na trama da peça, que ganha temporada hoje no Sesc Pinheiros, há muitos mistérios a se descobrir até a última cena.

Na verdade, a tônica de "não se deve julgar um livro pela capa" pode ajudar a plateia a percorrer a dramaturgia encenada pelo grupo Razões Inversas, na direção de Marcio Aurelio. A obra experimentou apenas duas apresentações na programação do Cultura Inglesa Festival 2019. Faltava agora entrar em temporada.

Nesse intervalo, não apenas as obras ganham tempo para amadurecer, mas seus artistas também conseguem ajustar o olhar, que parte da história e toca a realidade. O que a atriz Laís Marques vê é o desafio. "O teatro sempre esteve interessado em embaralhar as coisas, confundir. Nesse mundo polarizado que atinge a todos nós, a peça responde oferecendo a transformação", conta a atriz que compartilha o palco com Paulo Marcello.

Mistério.
Laís
Marques
e Paulo
Marcello



JOÃO CALDAS/FI

E as mudanças estão lá. Dividida em três narrativas, a peça de Eccleshare pretende saborear o texto falado em diferentes instâncias, o que permite ofuscar e esconder quem está falando. Na primeira parte, uma autora conversa com o responsável pela edição de seu livro in-

fantojuvenil. A conversa é de entusiasmo, já que a obra de estreia da autora foi devorada pelo público e eles querem mais. Trata-se da saga de Greta, uma heroína que tem como inimiga uma criatura horrenda. Suas batalhas têm dimensões épicas.

É possível prever que a últi-

ma cena da peça descreve o embate entre as forças do bem e do mal, mas antes que isso ocorra, o texto questiona qualquer visão mais radical da vida, afirma a atriz. "Antes que o público tenha acesso à narrativa, o encontro entre o editor e a autora é de muito estranhamento."

A explicação é clara. A autora vive reclusa e deseja que as negociações pelo título ocorram exclusivamente por e-mail. "A primeira cena descreve essa conversa online entre os dois. É preciso ficar atento porque eles não são quem dizem ser. E isso cria uma reviravolta na história", diz Laís.

Quando a reportagem entrevistou Aurelio, na estreia de *Heather*, em maio, o diretor explicou que Eccleshare deseja debater um assunto antigo, sobre a natureza da criação artística e a identidade do criador. "Ele recupera um pensamento do poeta italiano Torquato Tasso, do século 16, sobre a propriedade de uma obra. Quem é o dono? O autor ou o financiador?" "Nos dias de hoje, com os incontáveis agentes envolvidos na criação, a equação não é nada simples", afirmou.

É um debate ético com bastante apelo. Trata-se de algo que não atinge apenas os autores. Artistas da música e do cinema precisam enfrentar a crítica dos fãs por suas más condutas. Denúncias e crimes são capazes de arruinar carreiras públicas. Todos perdem. "Essa ideia de quem é o artista por trás da obra pode assustar. O que fazer? Cancelar tudo que ele criou? Há caminhos para que ele possa se redimir?", questiona a atriz.

Serviço

HEATHER

SESC PINHEIROS, RUA PAES LEME, 195.
TEL.: 3095-9400. 5ª, 6ª, SÁB., 20H30. R\$ 30
/ R\$ 15. ESTREIA HOJE, 17. ATÉ 16/11

Teatro Estreia

Leandro Nunes

Adentrar a sala de ensaio de qualquer artista experiente é estar entre a fascinação do bastidor e a percepção do inconveniente. A longa experiência de diretores teatrais, como Marcio Aurelio, costuma ser construída durante meses no subterrâneo, para criar uma única obra. Na contramão de políticos e influenciadores digitais do País, não há selfies ou transmissões ao vivo que deem conta da construção de um trabalho que nasce para ser público. Assim, não há como antecipar aplausos para uma sala de ensaio.

Heather, espetáculo que estreia neste sábado, 1.º, no Teatro Cultura Inglesa, trata das mesmas brechas e segredos dos bastidores. A peça dirigida por Marcio Aurelio faz uma interessante incursão no texto do dramaturgo inglês Thomas Eccleshare, com a Cia Razões Inversas.

A primeira vista, é preciso apenas dizer que a peça investiga os conflitos entre artistas, suas obras e recepção do público. "A história é sobre uma escritora de livros infantojuvenis que vive reclusa. Sua relação com o editor muda diante do sucesso das publicações", aponta o diretor.

O velho ditado de não se julgar um livro pela capa perde sentido aqui quando escândalos envolvendo os autores colocam suas obras contra a parede. Não faltam exemplos. Por outro lado, os bastidores nunca foram tão fascinantes para os fãs.

No caso da literatura, essa sensação pode ser menos espetacular. A rotina de escritores não é glamourosa e, como no teatro, não nasceu para a tela dos celulares. Mas nada disso garante sossego, por exemplo, ao autor de *Game of Thrones*. A ameaça de que George R.R. Martin não consiga terminar suas saga de gelo e fogo, por questões de saúde, criou nos fãs o pavor de que o portal da fantasia possa se fechar para sempre, ou como quando Harry Potter dá de cara com a parede dura da Plataforma 9½. "A própria escritora J. K. Rowling passou por essa

Letras.
Direção de
Marcio
Aurelio,
com Laís
Marques
e Paulo
Marcello



Sombras do autor

Na peça 'Heather', julgar um livro pela capa pode ser tão perigoso quanto descobrir os segredos de um escritor

pressão e perseguição por parte dos fãs quando sua saga começou a dar certo. Eles querem sempre mais", lembra a atriz Laís Marques, que vive a personagem-título da peça. "Por um tempo, ela até chegou a usar pseudônimos, mas eles foram sendo descobertos um a um."

E nesse intervalo entre a fome dos fãs e a vontade de camuflar identidades que o texto de Eccleshare se apoia. Ele cria um tipo de suspense cheio de pistas falsas que servem como grandes surpresas na encenação de Aurelio. O diretor segue

a pesquisa iniciada lá no início da companhia Razões Inversas, em 1990, mas é *Agreste* (2004) que vem à mente do ator Paulo Marcello, que interpreta o editor das publicações de *Heather*. "Desde o início, não queríamos representar personagens. Isso é muito difícil de conseguir, sem fugir da história ou das características do texto." Em *Agreste*, ele esteve no palco ao lado de João Carlos Andreazza, na peça de Newton Moreno, no papel de um – diferente – casal de lavradores. "No fim da peça, muitas pessoas ficavam choca-

das com a revelação trazida na identidade do casal", explica. "O texto de Eccleshare", ele justifica, "nos permite um intercâmbio muito interessante entre personagens e estilos de texto."

No ensaio acompanhado pela reportagem, *Heather* não foge de uma história que pode ser perfeitamente real e aposta em um estilo de dramaturgia dividido em blocos. Para Aurelio, trata-se de uma escrita que "tem uma retórica autônoma". "Na primeira parte, acompanhamos a conversa da escritora e do editor; a seguir eles se conhe-

cem pessoalmente e, na última parte, testem um trecho do livro inédito. É pura imaginação."

Defato, é impossível não lembrar dos capítulos mágicos de Harry Potter, com batalhas de varinhas, falsas metáforas voando e destruição ao redor (*leia abaixo*). Laís sugere ao público atenção a todos os detalhes, até mesmo ao trecho de caráter mais narrativo e de invenção ficcional. "É como estar na cabeça de um artista e compreender suas motivações e para onde seus sentimentos apontam, mesmo que seja para as sombras. Pode não ser muito agradável, mas é uma saída."

HEATHER
Teatro Cultura Inglesa.
R. Dep. Lacerda, 333. Tel.: 3032-4888. Sáb., 21h, dom., 19h. Estreia hoje, 1.º. Até 2/6. **Grátis.**

'O teatro não se pega em uma estante'

Diretor de 'Heather', Marcio Aurelio aponta que o caminho do teatro ultrapassa as palavras e é mais corrosivo que elas

Garantir que o resultado de seu trabalho seja considerado teatro pode parecer estranho quando dito por um diretor teatral. Aliás, um palco, um texto e um intérprete não garantem uma peça? Para Marcio Aurelio o caminho de construção de um espetáculo segue por vias adversas. "Nos textos de Hei-

ner Muller (dramaturgo alemão), por exemplo, percebemos que é preciso demolir um texto ou você fará um arremedo de teatro."

A afirmação que é o terror dos dramaturgos ganha outras compreensões nas mãos do diretor. Ele usa com exemplo *O Auto da Compadecida*. "Na história, as personagens se relacionavam com a ficção e acabavam interferindo na realidade." Esse movimento na cena é o que está no imaginário do artista formado em biblioteconomia e nascido em Pirajuí, em 1948. "Não se trata de dizer um texto,



Na cena. Encenador dirige a Cia Razões Inversas

ou perseguir suas intenções. Uma peça precisa criar estados. No início não tem nada, mas aos poucos vai se elaborando", continua. "Não é na estante que o público vai buscar uma peça. É no teatro."

Em *Heather*, o diretor transmite seu prazer no texto de Eccleshare. "O autor recupera um pensamento do poeta italiano Torquato Tasso, no século 16, sobre a propriedade de uma obra. Quem é o dono? O autor ou o financiador?" Nos dias de hoje, com os incontáveis agentes envolvidos na criação, a equação não é nada simples. "A ambiguidade do texto vai exigir das personagens uma postura que atinja tanto o que há de mais trágico na vida quanto aquelas ideias consideradas simples ou inocentes. Palavras que cabem num livro." /L.N.

TRECHO

"Você devia saber melhor que ninguém, Greta, que a morte não é tão simples assim...

Desde a primeira vez que nos vimos, nos corredores da Loja de Relógios do Rossini. Você sabia, eu tô viva, Greta, porque eu vivo em você. Eu existo porque eu existo em você. Você acha que é uma coincidência que eu tenha uma caneta igual a sua? Acha que é coincidência termos nos conhecido um dia depois do seu pai ter morrido? No dia que você herdou a Caneta da Necromante. Greta, eu sou sua... SOMBRA!"



ARTES CÊNICAS - TEATRO

O QUE FAZER



TIPO



ONDE



- ☐ ALFREDO VOLPI
- ☐ MAESTRO JUAN SERRANO
- ☐ OSWALD DE ANDRADE
- ☐ INTERIOR

OFICINA DE PRÁTICA TEATRAL: ESTUDOS DA PRESENÇA

Coordenação: Lais Marques

A oficina ministrada por Laís Marques, atriz da peça "Heather", da Cia Razões Inversas, terá como eixo a fricção entre Palavra, Corpo, Espaço e Tempo, a partir de exercícios, jogos e dispositivos de composição para a criação das cenas. O Sistema dos Viewpoints é utilizado como princípio metodológico, propiciando a conexão entre a intuição individual e a escuta coletiva, a partir de estruturas simples, advindas da Improvisação. Ao longo dos encontros, um vocabulário comum ampliará as percepções direcionando as composições realizadas nas fronteiras entre Teatro, Dança e Performance.

18

OSWALD DE ANDRADE

03/04 a 05/04

14h às 18h

INSCREVA-SE

EXIBIÇÃO ON-LINE DA PEÇA: HEATHER

OC



@oficinas culturais do estado sp

Com Cia Razões
Inversas e Laís
Marques

Estreia:
31/03

sexta-feira
às 21h



OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE

Idealização e produção da peça-filme "O viajante" (EDITAL PROAC EXPRESSO N° 03/2021 - #CULTURAEMCASA, proponente: Walter Breda).



COMPROVANTES

Idealização, Produção e Atuação em “Lágrimas Fritas, uma peça-filme” EDITAL PROAC EXPRESSO LEI ALDIR BLANC nº 36/2020



Idealização, Atuação e Produção da web série #microfabulosas PRÊMIO FUNARTE RESPIRARTE, 2020 EDITAL PROAC EXPRESSO LEI ALDIR BLANC Nº 41/2020



Idealização, apresentação e produção: “LIVES – artistas da cena e o ambiente virtual” Lei Aldir Blanc (Inciso II), 2021



AUTOR: CAIO LOBO ([HTTP://VIATROLIBUS.COM.BR/AUTHOR/CAIO-LOBO/](http://viatrolibus.com.br/author/caio-lobo/)) // ABRIL 20, 2011

As festividades seguirão, desta vez concentradas na estação Sé, com o lançamento do novo uniforme dos funcionários da operação e agentes de segurança, do Ithete comemorativo que será vendido exclusivamente nas máquinas de venda automática e de uma nova loja de produtos licenciados com a marca Metrô.

10/04/2018 08:50

A group of five people (three men and two women) are gathered around a large screen in a classroom or lecture hall. They are looking at a 3D model of a person displayed on the screen. The room has green chalkboards in the background.

(Foto: João Caldas)

[illegible]

Grupo OPOVOEMPÉ “Pequena viagem de gigantes exploradores em busca de memórias e do esquecimento” | Sesc Avenida Paulista, 2019

<https://www.instagram.com/p/BzIW5LnnWH/>



Grupo OPOVOEMPÉ: “Pausa para respirar”
Expo Center Norte, 2019

<https://www.instagram.com/p/B3CldgandCd/>



Espectáculo “Esquisitos”
Coletivo Zarpar,
Teatro Alfredo Mesquita, 2019

<https://guia.folha.uol.com.br/crianca/2019/06/peca-da-cia-la-leche-induz-criancas-a-questionarem-a-sociedade.shtml>



guia.folha.uol.com.br/crianca/2019/06/peca-da-cia-la-leche-induz-criancas-a-questionarem-a-sociedade.shtml

Nô Stopa em cena da peça, quando interpreta a mãe de Buda Rodrigo Capote/Folhapress

LEIA MAIS

Esquisitos
Texto: Tadeu Renato. Direção: Renata Hallada. Com: Coletivo Zarpar. 60 min. Livre.

O livro de poemas “O Triste Fim do Pequeno Menino Ostra e Outras Histórias”, escrito e ilustrado pelo cineasta Tim Burton, serve de inspiração para a peça. Nela, seis crianças se unem pelas diferenças que as tornam únicas. Eles seguem por um caminho incerto, guiados pela promessa de um lugar onde serão compreendidos.

Teatro Alfredo Mesquita - Av. Santos Dumont, 1.770, Santana, região norte, tel. 2221-3657. 198 lugares. Sáb. e dom.: 16h. Até 14/7. Ingr.: R\$ 16.



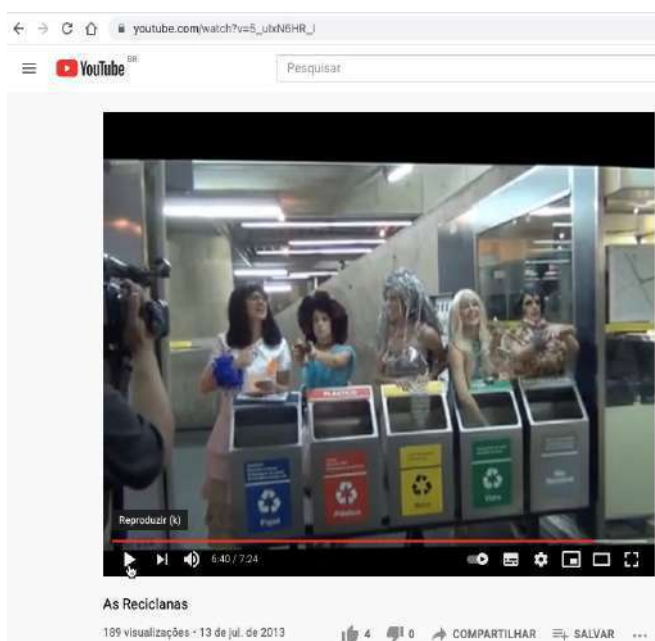
Turnê do espetáculo
“O jovem príncipe e a verdade”
 (SP, RJ, ES, 2016)



Idealização, produção e temporada da peça
“Do Amor”
 Prêmio Edital PROAC – montagem inédita
 (2014, SP)



Espectáculo
“Ivan e os Cachorros”
 (Viagem Sesi Teatral, 2013)



Filme, fotos e espetáculo “As Reciclanas”
 (Metrô de São Paulo, 2013)



Espectáculo
“Princesa, eu?”
 (SP, 2013)

